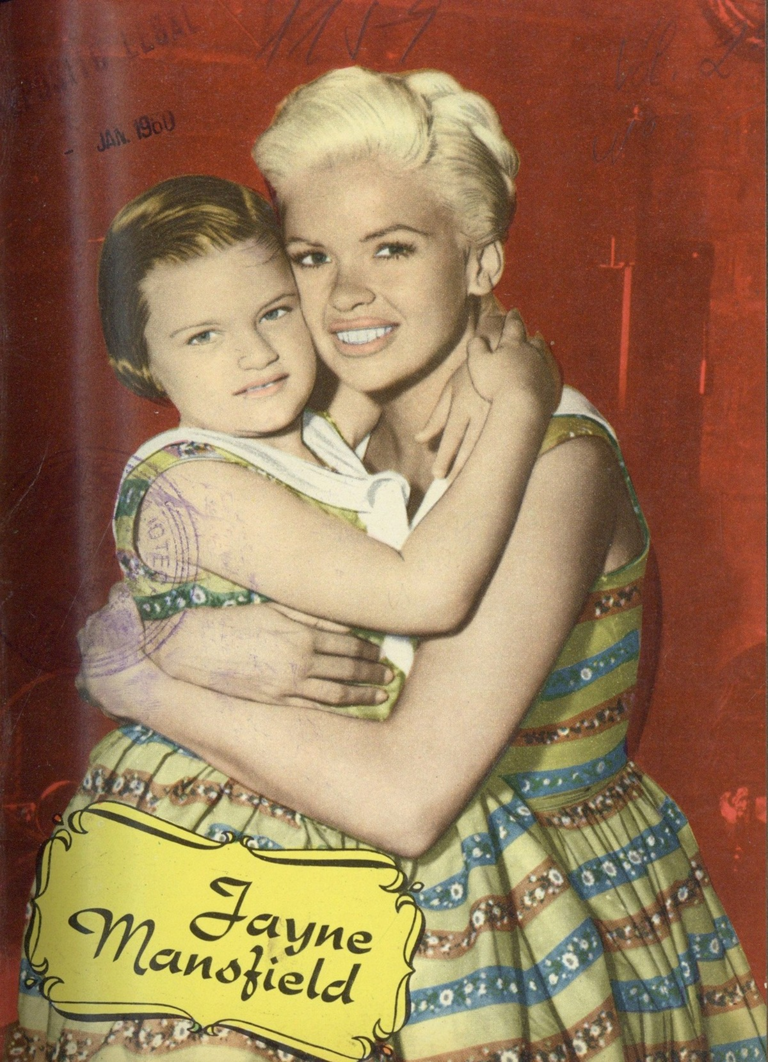

Jayne
Mansfield



ALBUM DOS ARTISTAS

(2.º Vol. — Fasc. 35)

Edição de Aguiar & Dias, L.da Distribuidores e Depositários: Agência Portuguesa de Revistas — Rua Saraiva de Carvalho, 207 — Telefones: 668639/ /668684 — LISBOA (Portugal). Composto e impresso nas oficinas Bertrand (Irmãos), L.da, Travessa da Condessa do Rio, 7 Lisboa

AMOR, AVENTURA E TRIUNFO

na vida de uma loira sensacional:

JAYNE MANSFIELD



Jayne Mansfield quando era ainda uma «novata» em Hollywood e tinha feito apenas um filme, num papel muito reduzido. Esta imagem foi obtida durante uma entrevista que lhe fez o correspondente da «Plateia» em Hollywood, Luis Serrano.

Nos arredores da cidade de Pasadena, nos Estados Unidos, há um lugarejo chamado Bryn Mawr. Aí se encontrava, em 1933, um casal cuja vida era idêntica à de tantos outros casais de província. A sua existência decorria feliz e serena, num dia-a-dia invariável que nada nem ninguém lograva perturbar. Naquele ambiente recatado e tranquilo, em que a Natureza imponente se sobrepunha à vida humana, as pessoas nasciam e cresciam com a regularidade imutável com que os frutos despontavam nas árvores e as chuvas refrescavam os campos. Ali, em Bryn Mawr, tudo era paz e sossego, doce monotonia que embalava os espíritos numa entorpecente sensação de amena felicidade.

O casal Palmer era, pois, um vulgaríssimo casal que vivia modestamente e sem ambições, visto que o ordenado do senhor Herbert Palmer lhes permitia apenas as comodidades restrictas dos que nada mais possuem do que duas mãos para trabalhar. No entanto, eram felizes, e só uma coisa lhes faltava para poderem considerar absoluta a risonha ventura que envolvia a sua união. O senhor e a senhora Palmer acalentavam nos seus corações uma fervorosa aspiração — o sonho de todos os casais que constroem o seu lar à base de verdadeiro amor...

— Sim, querido... — dizia frequentemente a senhora Palmer ao marido, na aprazível serenidade dos serões caseiros. — Quando tivermos um bebé, que, se Deus quiser, não há-de tardar muito, nada mais poderemos desejar para que a nossa vida seja um oásis de felicidade, e para que o nosso lar seja um ninho repleto de alegria...

Herbert Palmer afastava os olhos do jornal da tarde para fitar carinhosamente a esposa, e, beijando-a na testa com imensa ternura, confirmava:

— Descansa, minha querida, que havemos de ter o bebé mais encantador do mundo. Há-de ser uma linda menina de olhos castanhos e cabelo negro, muito traquina mas bastante inteligente. E, mais tarde, será a pequena mais bonita de Bryn Mawr, e casará com o rapaz mais rico da terra...

Sorriam ambos, embriagados pelo perfume daquele belo sonho que só aos dois pertencia. E passava mais uma noite, a que se ligava outro dia igual a todos os dias daquele rincão provinciano...

Até que, finalmente, o desejo máximo do casal Palmer se tornou realidade. Numa esplêndida tarde de primavera, a 19 de Abril daquele ano de 1933, apareceu naquele modesto e venturoso lar um maravilhoso e robusto bebé do sexo feminino. Uma encantadora menina, tal como o pai desejava, e precisamente com dois grandes olhos cor de avelã, muito vivos e brilhantes.

Assim se completou a felicidade simples do lar dos Palmer, aonde não chegava a tumultuosa agitação das grandes cidades. E a existência do casal continuou tranquila e invariável como sempre... ou talvez um bocadinho menos tranquila quando a pequenina Jayne resolvia desatar a chorar a altas horas da noite.

E passaram os meses. A senhora Palmer sentia-se incomensuràvelmente ditosa quando segurava nos braços, com o mais extremoso enlevo, aquela adorável criança, fruto do grande e único amor da sua vida. E Herbert, que também não cabia em si de contente com a presença daquela graciosa pequenita, que era a mais preciosa dádiva que lhe fora concedida em toda a sua vida, chegava a esquecer-se das horas, quando se levantava da cama, e algumas vezes chegava ao emprego atrasado, falta que nunca cometera durante tantos anos de empregado exemplar.

Ao serão, as conversas entre os dois cônjuges passaram a tomar outro rumo. Agora, todos os sonhos do senhor e da senhora Palmer se concentravam na pequenina Jayne, para a qual o envaidecido papá continuava a vaticinar um futuro cor-de-rosa... sem precisar de sair de Bryn Mawr.

— É o que te digo, querida —



Nasceu a 19 de Abril de 1933, em Bryn Mawr, Pasadena, e o seu verdadeiro nome é Jayne Palmer. Estudou afincadamente arte dramática e passou muitos sacrifícios antes de revolucionar Hollywood com o seu físico espampanante e atraente personalidade.

afirmava ele, muito peremptório. — Tenho a certeza de que a nossa Jaynezinha virá a ser venturosa e rica como uma princesa dos contos de fadas. Será bela e inteligente, e casará com o mais abastado jovem cá da terra. Basta um pai ter esse grande desejo, para que tudo se realize como ele prevê...

O Destino, porém, reservaria a Jayne Palmer um futuro muito diferente do que o pai arquitectava naqueles amenos serões domésticos. A filha tornar-se-ia, de facto, uma rapariga inteligente e bela, e também o dinheiro estaria a seu lado com suficiente abundância. Nisso não se enganara. Mas a roda da vida daquela formosa criança daria uma volta muito grande, tão grande e surpreendente que nunca a burguesa imaginação do senhor Herbert Palmer teria sido capaz de a conceber. O futuro de Jayne seria realmente esplendoroso, como ele augurara, mas não no ambiente monótono de Bryn Hawr, nem como esposa do filho de qualquer industrial próspero do lugar. A boa estrela de Jayne Palmer esperava-a muito longe dali, e, até que a rapariga se encontrasse com ela, muitos problemas e complicações perturbariam ainda a sua existência.

Uma outra coisa não pudera adivinhar Herbert Palmer quando, na serenidade nocturna do seu lar, dava rédea solta aos seus sonhos de provinciano pacato que ambicionava ver a filha fazer um bom casamento. Na realidade, ele não chegaria a assistir ao futuro que delineava para Jayne, nem a qualquer outro que a sorte lhe destinasse.

A senhora Palmer ficou viúva quando a pequenina Jayne ensaiava ainda os primeiros passos. Foi um choque inesperado, terrivelmente angustiante, que despedaçou o coração da pobre mulher e num momento obscureceu o sol de felicidade que lhe iluminava a vida. A sua casa não mais poderia voltar a ser o pequeno mundo risonho, onde sempre reinara o amor, a compreensão e a boa harmonia. Agora, sem o carinho e a dedicação do seu Herbert, sentia-se desesperadamente só, irremediàvelmente desamparada. Se não fora a presença daquela filhinha tão amada, daquele pequenino ser que não tinha culpa dos revezes do Destino nem poderia sofrer as suas consequências, talvez se tivesse deixado sucumbir a tão profundo desgosto.

Jayne é hoje uma das «estrelas» cinematográficas mais assediadas pela imprensa e pela rádio. Mas, antes de chegar a esta relevante posição, foi criada de uma pastelaria, vendedeira de álbuns para fotografias, empregada num estúdio de dança e modelo de pintores e fotógrafos.



A seu lado, Jaynezinha, minúscula e traquina, com lindos caracóis castanhos a despontarem por sobre um rosto de pele muito branca e acetinada, sorria-lhe graciosamente, alheia ao drama que abalava o peito da mãe. E a senhora Palmer abraçava-a fervorosamente, deixando-se então dominar por uma nova força que transmitia ao seu espírito a razão da sua existência, daí em diante. Enquanto sentisse junto do seu coração o calor daquele pequenino corpo, estender-se-ia, à sua frente, um caminho para percorrer, um objectivo para cumprir. E recordava as palavras do marido, tantas vezes repetidas com fremente entusiasmo:

«A nossa filha será venturosa e rica como uma princesa dos contos de fadas...».

NOVOS HORIZONTES, NOVA FELICIDADE...

Todos os males e todas as dores, pequenas ou grandes, são, pouco a pouco, dissipadas pela subtil poeira do tempo. Isso aconteceu, inevitàvelmente, com a senhora Palmer. Decorreram muitos meses sobre a morte do marido, que tanto amava, e a um ano seguiu-se outro, e mais outro. Jayne crescera, radiosa e bonita, e revelava já uma inteligência viva e um espírito esclarecido de que muito se orgulhava a mãe. E naquela modesta casa de Bryn Mawr fora ressurgindo, lentamente, a auréola rebrilhante da alegria de viver. A senhora Palmer, resignada com a fatalidade que um dia lhe roubara o ente amado, começava a sentir a necessidade de refazer a sua vida, conseguindo,



Jayne é uma rapariga amavel, fala devagar e delicadamente. Ela própria afirma que gosta de agradar pela sua maneira de ser, alegre e desafectada. Ei-la, junto do seu camarim da «Fox», com a colega Joan Collins, vendo a capa de uma revista com a sua loira efígie.



Divertindo-se num «dancing» típico de Hollywood, já quando a publicidade à sua volta começava a desencadear-se tempestuosamente.





com o conforto espiritual que lhe proporcionava a companhia da filha estremecida, vencer a opressão de tristes recordações que lhe amarfanhavam a alma.

E foi assim que, um dia, a mãe de Jayne encarou a sério a hipótese de voltar a contrair matrimónio. Esse passo, absolutamente lógico e humano, não seria apenas benéfico para ela — a quem, muito naturalmente, fazia falta o carinho de um bom companheiro que soubesse compensá-la de desgostos passados e a protegesse contra as agruras da vida — como também muito viria a influir na felicidade da filha. Poderia, desse modo, reconstruir o seu lar, e Jayne teria a seu lado, na melindrosa transição de criança para mulher, o apoio forte de um homem que, ocupando o lugar de seu pai, a orientaria e a defenderia das perigosas vicissitudes que se deparam a todos os jovens, especialmente às raparigas, antes de se encontrarem a si mesmos na difícil jornada da existência.

Vedadeiramente, essa decisão da senhora Palmer só tomou vulto concreto depois de conhecer um homem chamado Harry Peers, pessoa sensata e de bons sentimentos, que começou por se tornar para ela um afectuoso amigo, dispensando à pequena Jayne uma ternura quase paternal, e acabou por lhe revelar intenções mais elevadas que eram a oferta de um laço mais profundo e íntimo, no qual ele desejava unir a vida de ambos. E a mãe de Jayne, acreditando plenamente na sinceridade e no amor daquele homem, aceitou finalmente ligar-se a ele pelo casamento.

Harry Peers tinha uma profissão rendosa — director de vendas de uma importante empresa — que proporcionou ao novo lar da senhora Palmer uma agradável situação financeira. Jayne, que estava então nos seis anos de idade, podia agora desfrutar uma cuidada educação que, por certo, os modestos recursos da mãe lhe não teriam podido oferecer.

...E os fotografos não descansam!

É assim mesmo. Onde Jayne Mansfield chega, os fotógrafos não param um instante. Em todos os ângulos, a majestosa loira é dos mais fotográficos motivos que até hoje têm aparecido. As imagens que vemos nesta e na página ao lado, recordam a sua viagem a Londres, em 1957, aonde foi assistir à «première» do seu filme «A loira explosiva». O entusiasmo que provocou com a sua presença está aqui bem expresso, e a analogia destas três poses revela o ângulo da «vedeta» preferido pelos homens do «flash». Para os glaciais ingleses, a visita de Jayne foi uma espécie de... vaga de calor!



Pouco tempo depois do enlace matrimonial, a vida comercial de Harry Peers obrigou-o a deslocar-se com a família para a cidade de Dallas, no Texas. E assim, o destino da pequena Jayne principiava a sair do curso que o pai esboçara anos antes, quando, ao serão, se comprazia a fazer risonhos planos para a filha. O lugarejo de Bryn Mawr já não seria mais, para a rapariga, que uma vaga recordação da primeira infância, e seria noutra terra mais movimentada, numa cidade próspera como era Dallas, que despertariam os seus primeiros anseios e seriam lançadas as primeiras sementes do seu futuro.

Em Dallas, o espírito em embrião da inteligente menina foi encontrar um ambiente muito distinto do que rodeara os primeiros anos da sua existência. Ali, havia mais gente e mais emoção, e esses factores, precisamente, viriam a coadunar-se muito mais com o temperamento da rapariga que a tranquilidade burguesa da sua terra natal.

Quando chegou à idade escolar, Jayne ingressou na secção primária da University Park, e mostrou-se uma estudante aplicada. O espírito exuberante que vinha já revelando tornava-se agora cada vez mais notório no contacto com os seus professores e colegas, e todos reconheciam que ela era uma aluna de méritos pouco vulgares. Chegava a ser surpreendente a sua ânsia de adquirir conhecimentos, de aprender não apenas o que as aulas lhe exigiam, mas tudo o que pudesse satisfazer a sua insaciável curiosidade.

Os pais recebiam, com extrema satisfação, as esplêndidas notas da filha, e observavam com o mais vivo e justificado orgulho a simpatia e admiração que Jayne merecia de toda a gente.

— Espero que continues a ser sempre assim, minha filha — dizia-lhe a mãe, pousando nos grandes olhos cor de avelã as suas pupilas rebrilhantes de contentamento. — Uma estudante exemplar e uma menina que todos elogiam. E virás a ser, com cer-



teza, uma mulher importante, uma médica ou uma advogada...

Jayne escutava, com um sorriso amplo, mas absolutamente isento de vaidade, aquelas palavras carinhosas, e prometia a si mesma que a mãe nunca teria motivo para deixar de proferi-las. Uma coisa, porém, a levava a ficar meditativa. Era quando a mãe apontava uma ou outra profissão que achava indicada para ela, quando chegasse a altura de escolher um modo de vida. Sem saber explicar porquê, Jayne sentia que nenhuma daquelas sugestões viria a ajustar-se aos seus desejos. E, no entanto, ainda que o quisesse, não poderia dizer qual seria a carreira que, no futuro, haveria de preencher as suas aspirações. Quando pensava nisso, dominava-a uma indefinível sensação, como se dentro de si estivesse latente, sem que ela própria a pudesse ainda descobrir, a directriz da sua existência.

Mas quem observasse atentamente certas tendências que a pequena espontâneamente manifestava, podia já vislumbrar o caminho para onde se dirigia o seu espírito vivo e sempre insatisfeito. Na realidade, tornava-se bastante notória a sua afeição por tudo quanto fosse arte, e muito cedo começou a revelar excepcionais aptidões para a música. Por esse motivo, os pais, desejando não só desenvolver as faculdades que Jayne revelava, como também recompensá-la dos magníficos resultados que alcançava na escola, resolveram fazer-lhe uma agradável surpresa, no final de um ano lectivo. E assim, quando Jayne entrou em casa, uma tarde, e se dirigiu para a sala, ficou paralisada junto do umbral da porta: diante de si erguia-se um imponente piano, ainda maior que o que havia na escola, onde costumava executar, com um primor que a todos espantava, melodiosos trechos que tanto deliciavam a sua sensibilidade infantil.

Deu alguns passos precipitados e, sentando-se no banco redondo, não resistiu à tentação de passar os dedos finos e nervosos pelo teclado. E logo se evolaram na sala os sons harmoniosos de uma composição que Jayne várias vezes havia tocado já perante o embevecimento dos pais e a admiração de pessoas amigas. A mãe, que espreitava a reacção da garota em face de tão rico presente, deixou-se escutar a suave melodia que as mãos pequeninas de Jayne tão bem sabiam executar, e sentiu-se vivamente emocionada. Não havia dúvida. A sua filha era uma verdadeira artista. A música fazia parte da sua alma.

E foi assim, dividindo-se entre os estudos, em que continuava a manter-se brilhante, e a sua paixão pela música, que cada vez mais a fascinava, que decorreram mais alguns anos da existência de Jayne Palmer. Muitas das suas horas livres dedicava-as entusiàsticamente não só a tocar piano como violino, e todos se viam obrigados a reconhecer que ela era uma verdadeira criança-prodígio, tanto num instrumento como noutro.

Jayne adora os animais, e na sua casa de Holmley Hills, em Hollywood, há como que um Jardim Zoológico em miniatura, com gatos, cães, pombos, canários e outras espécies de encantadores irracionais. As fotos destas páginas ilustram muito significativamente essa predilecção da «vedeta». Vejam com que carinho ela abraça um macaco ou um cachorro...









Todos os jornalistas são unânimes em concordar que Jayne é, dentre as «estrelas» mundialmente famosas do cinema, uma das mais simpáticas e acessíveis. Responde sempre honestamente e sem qualquer ar de ofendida às mais diversas e indiscretas perguntas, que outras actrizes célebres repudiariam, classificando-as de intrusas.

Quando terminou o seu curso primário, a rapariga sentia já dentro de si uma grande e inabalável certeza: qualquer que fosse o caminho por onde a sua vida se orientasse no futuro, esse caminho estaria ligado àquilo que verdadeiramente embriagava o seu espírito — a arte! E, se as suas ambições pudessem ser absolutamente satisfeitas, ela viria a ser uma grande artistas de cinema.

Sim, agora Jayne já não ficava como que apática quando a mãe lhe dizia que ela havia de vir a ser uma mulher importante. Agora, Jayne sabia já nìtidamente que, acima de tudo, desejava tornar-se uma «estrela» cinematográfica. A arte de representar palpitava-lhe nas veias, e o ambiente dos estúdios de cinema exercia sobre ela como que um poder enfeitiçador, muito embora só o conhecesse ainda por intermédio das revistas consagradas à Sétima Arte.

Uma mulher importante! Sim, faria tudo para, um dia, vir a sê-lo. Mas seria na profissão para a qual se inclinava irresistìvelmente. Tal como o pai, também a mãe se enganava ao preconizar o futuro da filha.

O AMOR FAZ DAS SUAS!

Desde muito nova, Jayne sempre teve a noção de que, para se vir a ser algo de importante na vida, era necessário estudar, estudar infatigàvelmente, estudar o mais possível. Por isso mesmo, e precisamente porque estava já votada a um objectivo que não seria muito fácil atingir, a rapariga estava decidida a entregar-se cada vez com mais ardor aos seus estudos.

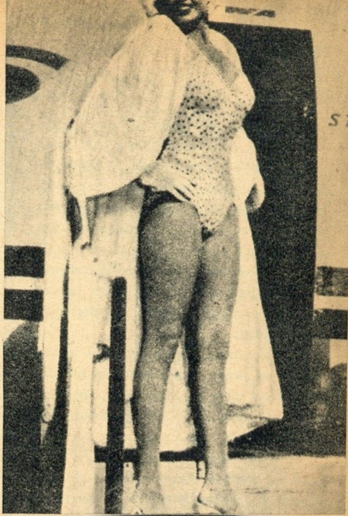
Matriculou-se, pois, numa escola secundária, a «Highland Park Highscool», e, tal como se verificara nos seus primeiros anos escolares, evidenciou-se como estudante aplicada, de inteligência esclarecida e espírito vivíssimo. As suas notas continuavam a ser o mais elogiáveis possível, e, como é evidente, os pais sentiam-se cada vez mais exultantes e envaidecidos com aquela filha excepcional, que só lhes dava motivos de orgulho e de satisfação.

E as coisas seguiam assim, quando, inesperadamente, o amor surgiu, um tanto prematuramente, na vida de Jayne Palmer.

A jovem estava, então, nos seus dezasseis anos, e tornara-se uma rapariga invulgarmente vistosa, que de modo nenhum poderia passar despercebida ao sexo forte. A farta e reluzente cabeleira loira era uma sugestiva moldura num rosto bastante atraente onde sobressaíam dois lábios carnudos, uma fieira de dentes muito branca e dois grandes olhos castanhos que irradiavam simpatia à primeira vista, e cujo fulgor, em relação aos homens, era um tanto ou quanto «incendiário». E depois, aquele corpo alto e magnífico de formas começava a despertar a justificadíssima atenção de todos os rapazes. Na «Highland Park Highschool» Jayne Palmer era considerada como que uma rainha de beleza. Todos os seus colegas sabiam já que o grande sonho dela era vir a ser uma fulgurante vedeta de cinema — e todos concordavam também que ela tinha, indubitàvelmente, o verdadeiro tipo de uma vedeta de cinema. Escusado seria dizer, claro, que os jovens namoradiços esvoaçavam à volta dela como abelhas em torno do mel, tanto mais que Jayne se mostrava sempre amável e delicada, com uma maneira de ser profusamente alegre que era como que um poderoso íman ao qual era quase impossível escapar.

No entanto, a cativante personalidade de Jayne, a camaradagem afectuosa e desprovida de reservas que dispensava a todos os colegas ou amigos, não prometia amor. Lidava com todos eles sem qualquer intenção nesse aspecto. Gostava de falar com toda a gente, de rir e brincar, mas não tinha uma preocupação velada de procurar episódios românticos. Isso era uma coisa que, por enquanto, não ocupava lugar nas suas mais fortes aspirações.

Mas o homem — ou a mulher — põe, e o destino dispõe. E um dia, aquilo que Jayne não procurava, aconteceu.



É certo que Jayne tem recorrido aos mais variados processos publicitários para atrair as atenções do público sobre si, como este de descer de um avião... em «maillot». Mas verdade é também que Jayne, no fundo, é uma pessoa bastante diferente do que nos podem levar a supor tais atitudes. É uma mulher simples e cândida, que até nem concorda com exibicionismos extravagantes. Mas — segundo ela — uma «estrela» tem de aparentar muitas coisas de que não gosta.

Um rapaz chamado Paul Mansfield, jovem bem parecido e inteligente, e também estudante, começou a mostrar-se profundamente interessado por ela. Tinham-se conhecido numa festa de Ano Novo em casa de uma amiga de Jayne, e, a princípio, não lhe ligou qualquer importância especial. Via nele um amigo igual a todos os outros, um rapaz simpático com quem gostava de conversar. No entanto, e quase sem dar por isso, começou a andar mais com ele do que com qual-

JAYNE e os irlandeses

QUANDO da estreia, em Inglaterra, do seu filme «A loira explosiva», Jayne Mansfield deslocou-se pela primeira vez àquele país, a fim de estar presente, nas noites das primeiras exibições, em várias salas onde a película era exibida. E impressionou agradàvelmente os jornalistas e todos com quem manteve contacto, pela simplicidade que revelou.

E tudo teria corrido às mil maravilhas se Jayne não tivesse cometido a terrível gafe de exclamar, ao descer no aeroporto de Shannon, na Irlanda:

— Amo todos os ingleses!...

E só depois de observar, atrapalhada, os rostos herméticos das pessoas que a esperavam, se apressou a rectificar:

— Perdão... quero dizer... todos os irlandeses...

quer outro. Encontravam-se todos os dias, estudavam juntos, e juntos passeavam ou íam ao cinema, nas tardes livres. E a rapariga encontrou-se, assim, a dedicar-lhe mais tempo e mais atenção que aos companheiros de curso ou aos outros amigos. Seria porque ele lhe provocava uma simpatia mais forte? Seria porque as suas conversas tinham algo de superior que a fascinavam? De facto, Paul Mansfield revelava-se, tal como Jayne, um fervoroso apaixonado por todos os assuntos de arte, e assim, os colóquios entre ambos enveredavam invariàvelmente por esse campo, e era frequente vê-los absorvidos, durante largo tempo, em conversações entusiásticas, que nada tinham de amorosas, mas que os íam unindo profundamente.

Fosse como fosse, o certo foi que Paul Mansfield e Jayne Palmer acabaram por ver-se envolvidos num fervoroso romance de amor de que já não puderam afastar-se, e o resultado foi um imprevisto casamento realizado, como é evidente, sem a boa aprovação da família de ambos. Qualquer deles era demasiado novo para dar esse passo, e principalmente os pais de Jayne fizeram tudo o que puderam para impedir a filha de se entregar a um casamento prematuro, que não só se apresentava inconveniente, visto que Paul não tinha ainda a sua vida organizada, como viria interferir no curso que a jovem levava com tanto brilho.

Nada, porém, demoveu os dois enamorados da sua decisão, e, como as respectivas famílias se mostravam intransigentes, decidiram casar-se secretamente numa pequena capela de Fort Worth. O acto nupcial realizou-se, às ocultas, no dia 28 de Janeiro de 1950, ainda antes de Jayne completar os dezassete anos.

— Espero que viremos a ser bastante felizes, minha querida — disse Paul, no dia do enlace, e durante um festivo jantar... sem convidados. — Havemos de vencer a barreira que as nossas famílias opõem ao nosso amor, e mostrar-lhes-emos quando podem dois jovens ardentemente apaixonados como nós.

Paul Mansfield mostrava-se exultante de optimismo, e mais carinhoso e enamorado do que nunca. Jayne fitava-o, embevecida, e, nessa altura, pareceu-lhe, pela primeira vez, que se abria diante de si qualquer coisa de mais importante e espiritual do que a carreira artística a que tanto desejava consagrar-se.

— Sim, meu amor — retorquiu Jayne, oferecendo ao marido os seus lábios frementes — juntos havemos de conseguir grandes coisas, porque os nossos corações estão unidos num único e indestrutível elo...

Passados esses momentos de embriagadora felicidade, foi necessário, porém, encarar a realidade, que não era tão risonha como os sonhos dourados dos dois jovens. E assim, quando seria lógico que o apaixonado casal recolhesse ao aprazível ninho onde os recém-



Jayne tem olhos e cabelos castanhos (a cabeleira loira platinada é um produto artificial), mede 1 metro e 67 de altura, e pesa 54 quilos. As suas medidas estéticas são das «inquietantes» de Hollywood: 101 cm. de busto, 45 de cintura e 88 de ancas.

-casados procuram sempre o tão desejado e romântico cenário do «enfim, sós», Jayne e Paul viram-se obrigados, em vez disso, a regressar a casa dos respectivos pais, onde teriam de continuar a viver até que as coisas se modificassem favoràvelmente em relação ao seu matrimónio, e eles pudessem contar tudo às famílias.

Depois disso, ambos prosseguiram os seus estudos, e agora com mais força de vontade que nunca, pois guiava-os o alto objectivo de construírem as suas vidas o mais ràpidamente possível. E Jayne, a aluna excelente de quem a família e os professores tanto se orgulhavam, não deixou decrescer os seus méritos, ao contrário do que poderia supor-se, depois do impetuoso caso de amor com Paul Mansfield.

Passaram-se quatro ou cinco meses após aquele casamento secreto. Durante esse tempo, a jovem não tivera ainda coragem de informar os pais do seu enlace com Paul. Apesar do passo que dera, e a que fora levada ùnicamente pela obstinada recusa dos seus progenitores, Jayne era uma boa filha, bondosa e compreensiva, e desgostava-a profundamente ferir a sensibilidade dos pais, que sempre a haviam tratado com extremoso carinho.

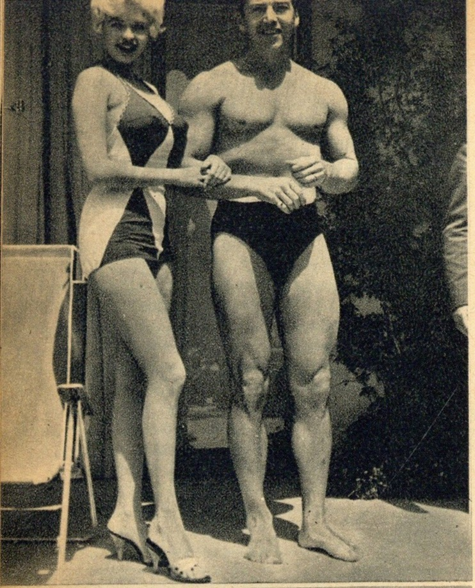
Um novo facto, porém, veio apressar a inevitável confissão de Jayne: ia ser mãe! E uma tarde, achando que não poderia protelar por mais tempo essa conversa, a rapariga procurou uma altura em que a mãe estava sòzinha em casa, e levou-a consigo para a sala.

— Tenho de confessar-te uma coisa, mamã — disse pausadamente, encarando-a com firmeza, em vez de afastar cobardemente os olhos. — Mas, primiro, vais prometer-me que não ficarás zangada comigo...

A mãe olhava-a, intrigada, sem desconfiar do que se passava.

— Vá, promete-me — insistiu Jayne, pegando-lhe nas mãos.

A senhora Peers anuiu, por fim:



Eis o casal considerado, fìsicamente, o mais sensacional do mundo. Jayne Mansfield, a quem apelidam muito justamente de «O Busto», é... o que todos sabemos e estamos mais uma vez a ver. Mickey Hargitay ganhou o título de «Mr. Universo», e temos também de concordar que o júri soube muito bem o que fez.

— Está bem, prometo. Dize lá o que é.

E seguiu-se a confissão. Jayne falou sem rodeios, pondo nas suas palavras toda a sinceridade do seu coração. Foi uma conversa longa e destituída de reservas, mais parecndo uma troca de palavras entre duas amigas do que entre mãe e filha. A senhora Peers mostrou-se extremamente compreensiva, e, no fim, afagando os cabelos loiros de Jayne, proferiu apenas:

— Bom, o que está feito, está feito... Agora, vamos repetir o casamento com a minha presença e à vista de toda a gente...

E foi assim que Jayne e Paul Mansfield voltaram à mesma capela onde haviam estado três meses antes para repetirem, com todas as formalidades normais, a cerimónia nupcial que, no mês de Janeiro anterior, fora realizada secretamente.

E, como todos os casais, passaram finalmente a viver debaixo do mesmo tecto, embalados por aquele amor impetuoso que não os deixara respeitar as conveniências.

OS PRIMEIROS PASSOS ARTÍSTICOS... E UMA DESILUSÃO SENTIMENTAL

No dia 8 de Novembro desse mesmo ano de 1950, Jayne Mansfield deu à luz uma linda menina, a quem foi posto o nome de Jayne Marie. Experimentando pela primeira vez a ventura de ser mãe, Jayne deixava-se embalar por aquela nova felicidade — qualquer coisa de sublime que não podia ter comparação com as outras alegrias da vida.

Entretanto, a sua aplicação pelos estudos mantinha-se cada vez mais forte. E não queria de modo nenhum desistir, apesar da presença da pequenina Jayne. Assim, a menina ficava entregue aos cuidados da mãe de Jayne, enquanto esta frequentava a escola superior, onde estava a completar o seu curso.

E concluiu-o realmente com os mesmos louvores que sempre soubera alcançar até aí. Os pais voltaram a repetir os abraços calorosos que lhe haviam oferecido nos anos passados, contentíssimos por verificarem, mais uma vez, que Jayne era uma rapariga dotada da mais inabalável força de vontade. A sua ânsia de vencer e de ser alguém sobrepunha-se a todas as coisas.

Paul também beijou a mulher com entusiasmo, e Jayne, por seu turno, devolveu-lhe os carinhosos beijos de felicitações, pois igualmente o marido completara com boas notas aquele ano escolar.

Ambos tencionavam prosseguir os seus estudos, mas, entretanto, Paul foi chamado à vida militar, e foi mobilizado para outra cidade.

Quando se despediram na estação, Jayne beijou-o ardentemente e afirmou:

— Não tardarei a ir ter contigo, querido. Não poderei estar muito tempo longe de ti.

Assim foi, de facto. Um dia, Jayne despediu-se dos pais e partiu ao encontro do marido, levando ao colo a outra Jayne, muito pequenina e graciosa.

Começaram, então, os dias difíceis para Jayne Mansfield, a bela rapariga que continuava a acalentar o desejo ferveroso de ser actriz de cinema.

Instalou-se em Austin, também no Texas, que ficava perto do local onde o marido estava mobilizado. Alugou uma casa modestíssima, e viu-se obrigada a arranjar um emprego, tanto mais que pretendia continuar a estudar. Começou por trabalhar como modelo de um pintor, das 8 às 11 horas da manhã, e depois, como o dinheiro não chegava, obteve outra colocação, das 7 às 11 da noite, como empregada num estúdio de dança. Tinha, além disso, de fazer os serviços domésticos e de cuidar da filha.

Assim se passaram vários meses, até que finalmente Paul terminou o seu tempo militar. Continuavam a viver com dificuldades, mas como Jayne era incansável e trabalhava o mais que podia, pôde matricular-se na Universidade do Texas, onde também ingressou o marido, que, entretanto, arranjara um emprego.



Jayne tornou-se, em pouco tempo, uma autêntica «2.ª edição» de Marilyn Monroe. Depois de ter aparecido em três ou quatro filmes, em papéis apagados nos quais soube realçar, no entanto, os seus encantos físicos, estreou-se como protagonista em «Uma rapariga com sorte», que logo lhe abriu as portas do triunfo. Depois disso, interpretou: «Os Náufragos do Autocarro», «A loira explosiva», «Quatro dias de loucura» e «The Sheriff of Fractured Jaw».

A felicidade e a boa harmonia do casal, que até então se mantivera absoluta, apesar de todas as complicações, principiou, então, a ser abalada. Primeiro lentamente, quase imperceptìvelmente, para depois ir ganhando volume até levar os dois cônjuges a uma situação melindrosa.

Qual o motivo dessa repentina transformação? Precisamente o desejo que Jayne conservava dentro de si, cada vez mais forte e impetuoso, de se tornar uma artista.

É que, a par do seu trabalho e dos estudos, Jayne começara a ensaiar os seus primeiros passos artísticos no pequeno teatro

Uma família feliz...



A filhita Jayne Marie, do seu primeiro matrimónio, desfruta o mais extremoso amor da «vedeta».



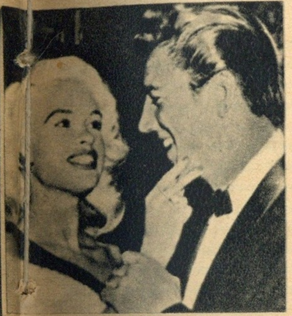
Mickey e Jayne no dia do casamento — 13 de Janeiro de 1958.

EMBORA votada de alma e coração à sua carreira artística, Jayne sempre desejou ter um lar inundado de risonha felicidade, com um marido afectuoso e várias crianças a traquinarem à sua volta. Talvez levada por essa tendência, casou demasiado cedo — aos 16 anos — com um estudante também bastante novo, Paul Mansfield. Foi um casamento tão leviano como errado, visto que Paul esteve muito longe de ser o marido com que ela sonhava. O divórcio foi inevitável. E mais tarde, quando já a sua carreira cinematográfica lhe concedia os primeiros fulgores do êxito, Jayne encontrou por fim em Mickey Hargitay — um imponente mocetão eleito «Mr. Universo» em 1956 — o marido compreensivo que ela desejava, capaz de a tornar feliz e de lhe oferecer o lar venturoso que fazia parte das suas ambições, sem prejudicar as suas actividades artísticas, que a conduziam agora cada vez mais alto pela escada do triunfo. Assim, enquanto o primeiro marido de Jayne, numa atitude absolutamente egoísta, fez tudo por desencorajá-la da carreira cinematográfica, Mickey, ao contrário, acarinha e protege o seu labor artístico. A «vedeta» constituiu, pois, a família feliz que desejava.





Eis algumas sorridentes imagens de uma família verdadeiramente feliz. À esquerda: um abraço de exuberante ternura entre os dois jovens esposos; e o carinho muito maternal de Jayne, ao levar a filha a uma loja de brinquedos. À direita: um gesto de meiguice conjugal que desmente a personalidade frívola que alguns atribuem à famosa actriz; e o «trio» completo, num instantâneo que é bem elucidativo da felicidade que os une. Mickey é tão carinhoso para Jayne Marie, como se fosse seu próprio pai.







é também uma exímia patinadora, e sabe andar a cavalo como poucas mulheres. Além disso, é uma entusiasta pelo sautomóveis, e a prova é que possui nada menos que três carros: um «Cadillac» e um «Lincoln», ambos convertíveis, e um espampanante «Jaguar» vermelho.

da Universidade. E, além disso, nos fins de semana colaborava em espectáculos de variedades locais. E Paul, que, no tempo em que davam longos passeios pelas ruas de Dallas, tanto a havia cativado com as suas brilhantes conversas sobre assuntos de arte, não se mostrava agora, ao contrário do que ela esperaria, satisfeito com as inclinações artísticas de Jayne. A jovem sempre pensara que ele viria a ser o companheiro ideal que a entusiasmasse nas suas ambições, e, afinal, revelava-se o marido incompreensivo, que, em vez de aceitar e de acompanhar os seus anseios espirituais, se opunha a eles como uma sólida e gélida barreira.

— Quando te casaste comigo — dizia-lhe ele peremptòriamente — logo devias ter calculado que tinhas de renunciar a isso tudo. Não vais julgar que pretendo ter uma mulher que se ande a exiibr por palcos...

Jayne baixava a cabeça, desiludida. Agora, sim, reconhecia quanto havia sido errado aquele casamento. Porque ela não estava disposta a renunciar «àquilo tudo». Pelo contrário. «Aquilo tudo »era precisamente o que ela mais desejava na vida.

E as dissidências entre os dois foram de mal a pior. A bela figura de Jayne começava a causar furor não só no palco da Universidade como nos vários espectáculos em que actuava, e o seu nome principiava a ser, de certo modo, popular. E essa circunstância ainda mais exasperava o marido.

No entanto, apesar de ambos começarem a reconhecer que já não conseguiriam salvar o seu amor, e que nunca mais chegariam a estar de acordo, conservaram-se juntos ainda quatro anos, durante os quais prosseguiram os seus estudos.

Da Universidade do Texas passaram para a Universidade da Califórnia, em Los Angeles. Aí, na cidade do cinema, em contacto com tantas e tão brilhantes personalidades artísticas, ainda mais os anseios de Jayne se vivificaram. E então, decidiu desligar-se definitivamente dos laços sentimentais que ainda a ligavam àquele casamento, e, embora permanecendo na companhia de Paul, passou a votar-se inteiramente aos seus desejos artísticos, à conquista da carreira que tanto a fascinava.

Nas representações teatrais da Universidade da Califórnia, atraiu ràpidamente as atenções gerais, não só pelas suas magníficas formas físicas e atraente personalidade, como também pelo talento que demonstrava em todas as suas interpretações. E, entusiasmada por tantas manifestações de apreço que via à sua volta, Jayne só desejava aperfeiçoar-se cada vez mais. Não queria ser apenas uma mulher bonita que entusiasmava as plateias, mas também, e especialmente, uma actriz consciente que era capaz de subjugá-las. Assim, matriculou-se numa escola de drama, onde passou a aprender todos os segredos da arte de dizer e de representar.

Seu marido não se cansava de a desencorajar, talvez ainda com a esperança de que ela acabasse por abandonar as suas pretensões artísticas e se dedicasse inteiramente à vida doméstica. Os pais, que ela agora só raramente visitava, tomavam a mesma atitude. Jayne não tinha, portanto, ninguém que a auxiliasse na conquista daquele futuro que era todo o seu sonho. Mas não desistiria. Nunca. A sua força de vontade era férrea, e as suas energias inesgotáveis.. Muito menos agora, que dera já as primeiras passadas triunfais, se resolveria a retroceder.

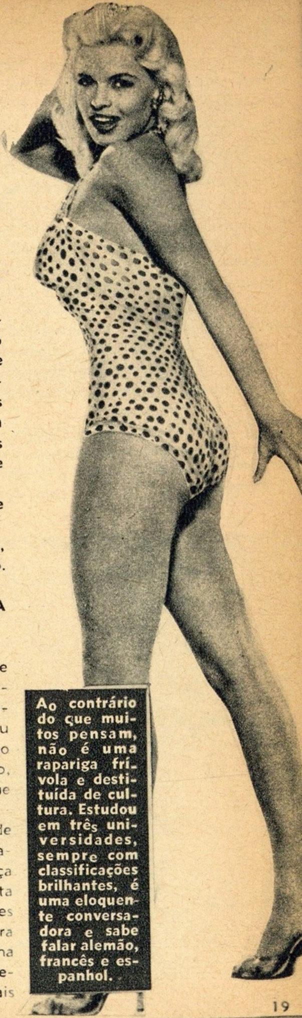
Para a frente é que era o caminho. E à frente esperava-a, tinha a certeza, o êxito e a fortuna!

Jayne mostrava, pois, ser uma rapariga excepcional, a quem bastava acreditar em si mesma e no futuro.

VOLTA AS COSTAS AO CASAMENTO... E ENTRA PELO PORTÃO DA CELEBRIDADE

Até que, em fins de 1954, Jayne decidiu separar-se de Paul, que nessa altura principiava a carreira jornalística, e apresentou o pedido de divórcio num tribunal de Los Angeles. Só então o marido compreendeu verdadeiramente que a arte era, de facto, um destino que Jayne não poderia evitar, e aceitou, conformado, aquele desenlace de um belo romance de amor a que ambos se tinham entregado de ânimo leve.

Entretanto, Jayne tinha saído da Universidade de Los Angeles e estudava afincadamente na escola dramática, ao mesmo tempo que tomava lições de dança sob a direcção de Alexis Dolinoff, e, depois, de Mikita Talin e Nico Charisse. Para poder pagar todos esses estudos, e ainda para se manter a si e à filhita — agora estavam sòzinhas, sem qualquer ajuda alheia — tinha de trabalhar duramente, e em tudo o que lhe aparecesse. Por isso foi obrigada a desempenhar as mais



Ao contrário do que muitos pensam, não é uma rapariga frívola e destituída de cultura. Estudou em três universidades, sempre com classificações brilhantes, é uma eloquente conversadora e sabe falar alemão, francês e espanhol.

diversas profissões — criada de uma pastelaria, vendedeira ambulante de álbuns para fotografias, ajudante de um veterinário (talvez tenha nascido daí a sua grande amizade pelos animais), modelo de fotógrafos, «rapariga dos bombons» de um teatro de Los Angeles...

Sim, a vida de Jayne foi bastante difícil, principalmente depois da separação conjugal, mas ela soube encará-la estoicamente, com um ânimo inabalável que nunca a deixou soçobrar por um momento. Queria vencer — e havia de consegui-lo!

Estudando denodadamente a arte a que desejava consagrar-se de alma e coração, Jayne tinha os olhos postos em Hollywood, a meta suprema das suas aspirações. Ali, a dois passos, estavam as grandes vedetas do cinema, e ela não descansaria enquanto não ocupasse o mesmo lugar.

Certo dia, um dos seus camaradas das aulas de drama, um rapaz chamado Bill Lane, aconselhou-a a ir procurar o produtor de «Hangover», uma película com Laurence Tierney, para a qual andavam à procura de uma «extra» com o seu tipo físico. Jayne ouviu a sugestão e não hesitou. E, uma semana depois, estava a desempenhar um pequenino papel nesse filme. Era uma intervenção de reduzidíssima importância — mas era a «chave» com a qual acabava de conseguir entrar num estúdio cinematográfico.

Logo a seguir, confiaram-lhe outra «ponta» numa película com Joanne Dru e Gorge Nader, intitulada «An angel went awol». E os cineastas de Hollywood estavam já a reparar naquela rapariga de longa cabeleira platinada e busto ultra-exuberante, que tinha muitas semelhanças com outra loira que estava a fazer furor nas telas de todo o mundo — Marilyn Monroe.

Jayne, sempre simpática e destituída de vaidade, começava a verificar que a sua boa estrela não a abandonava, e que o universo cinematográfico principiava a dedicar-lhe os primeiros (e prometedores) sorrisos. Agora, sim, albergava no seu íntimo a certeza de que estava no caminho da vitória, e de que esta não tardaria a iluminar a sua carreira. Faltava, apenas, um bocadinho de decisão, e outro bocadinho de sorte.



Esta imagem é bem elucidativa do caloroso acolhimento que a actriz teve em Inglaterra quando se deslocou a este país para apresentar o seu filme «A loira explosiva».

Conseguindo reunir ambas as coisas, foi finalmente ao encontro do ponto de partida para a celebridade. Tudo se passou assim... Ia realizar-se em Miami, na Flórida, uma inédita e sensacional «première» do filme «Underwater» (O Tesouro Submarino), interpretado por Jane Russell e Richard Egan. Os produtores da película resolveram apresentar a sua produção de um modo que causasse furor, e tiveram realmente uma ideia arrojada: como a acção do filme se passava, em grande parte, debaixo de água, decidiram fazer a «première»... exactamente debaixo de água. Era uma coisa como nunca se tinha visto, e a imprensa de Hollywood e de Nova Iorque acorreu a Miami, despertada pela mais viva curiosidade. Para essa projecção tão insólita, tinham arranjado uma grande piscina, no fundo da qual fora instalado o «écran» e bancos para os espectadores, que, evidentemente, assistiriam a tão original espectáculo munidos de equipamentos para respiração artificial. No exterior, a piscina estava pomposamente decorada, e os convidados eram recebidos por um friso de raparigas não menos pomposas, em fato de banho reduzidíssimo, que inclusivamente iam «arrumar» os espectadores nos respectivos lugares, debaixo de água.

Ora, precisamente para compor esse atraente grupo de raparigas, os produtores de «Underwater» esmeraram-se em escolher algumas das mais belas e espampanantes jovens de Los Angeles. E Jayne Mansfield (ela continuou a usar, artìsticamente, o apelido do marido), cuja exuberância física começara já a despertar calorosos comentários nos estúdios californianos, foi uma das que foram convidadas para esse papel de «arrumadora submarina».



Uma imagem da película «A loira explosiva», adaptada da peça que Jayne interpretou na Broadway com grande êxito. O seu parceiro neste filme foi Tony Randall, que vemos na gravura.

Jayne aceitou, satisfeitíssima, e, tão esperta como inteligente, anteviu logo naquilo um esplêndido «tiro» publicitário. Resolvida como estava a não perder tempo e a usar todos os processos que fossem necessários para a conquista do seu «lugar



Jayne com a filha Jayne Marie, do seu casamento com Paul Mansfield. A perturbante loira adora crianças, e, é claro, muito especialmente a sua. Um dos seus maiores desejos é ser mãe de mais três ou quatro pimpolhos.

Saiba que...



...Jayne Mansfield não fuma. Por isso se admira deste enorme charuto que Jerry Lewis tem na boca



...não toma bebidas alcoólicas. Só muito raramente, e em ocasiões especiais.



...adora todos os animais, mas especialmente os cães.

ao sol», partiu a caminho da Flórida com uma forte esperança a embalar-lhe o coração.

E aquele foi, realmente, o «grande dia», o dia decisivo da carreira de Jayne Mansfield. Logo pela manhã se notou um extraordinário movimento de automóveis pelas ruas de Miami. A expectativa criada à volta daquela sensacional «première» atraiu centenas de pessoas à encantadora praia da Flórida. Os fotógrafos eram às mãos cheias. E foi no meio de toda essa trepidante agitação que surgiu na praia uma «bomba» de cabelo platinado que era um autêntico caso sério de plástica. O garrido fato de banho, de tamanho mínimo e muito justo ao corpo, realçava as formas electrizantes daquela sereia desconhecida, que exibia tão despreocupadamente um busto... oh, que senhor busto!...

Os homens das máquinas fotográficas abriram desmesuradamente os olhos, como se acabassem de ver a oitava maravilha do mundo, e toca de disparar o «flash» a torto e a direito, num bloqueio intransponível que durou mais de duas horas. Jayne — pois era ela, evidentemente, a «bomba» platinada — compôs, sorridentemente, as mais diversas e desconcertantes poses diante daquela multidão de objectivas. E, entretanto, a curiosidade dos jornalistas rompia num verdadeiro caudal de perguntas...

— Quem é você?

— Que faz aqui?

— Trabalha no cinema?

— Também entra no filme «Underwater»?

De facto, eles não a conheciam. E a verdade era que Jayne também pouco poderia contar dela. «Estudo arte de representar, e já fiz umas «pontas» em filmes...», ia ela alinhavando, um tanto precipitadamente e com a mais quente amabilidade. «Desde pequena que desejo ser «estrela» de cinema, e tenho feito muitos sacrifícios para o conseguir...», acrescentava, depois de posar para mais umas quantas fotografias. Ou dizia ainda: «Casei-me muito cedo e fui infeliz, porque o meu marido queria cortar as minhas aspirações artísticas...».

Eram apenas frases soltas, que não pareciam ter qualquer interesse para a imprensa, mas Jayne sabia o que estava a fazer. Já conhecia bem o mundo de Hollywood, e o relevo que os cronistas davam a frases como aquelas, construindo grandes e emocionantes histórias que só tinham vinte por cento de verdade, mas que, da noite para o dia, celebrizavam qualquer novato. A jovem sabia o terreno que estava a pisar, e tinha a certeza de que só uma boa publicidade a ajudaria a evidenciar-se e a trepar na carreira cinematográfica.

Depois desse tumultuoso assalto, Jayne foi ocupar as suas funções no espectáculo da «première» de «Underwater». E percebeu nìtidamente que vários «busca-talentos» a olhavam insistentemente e tomavam notas. Um ou outro já ela conhecia, e, antes, nunca lhe tinham ligado importância. Tal como acontecera com os jornalistas e fotógrafos, era aquele fato de banho que provocava as atenções que lhe dispensavam.

Mais tarde, quando chegou ao hotel, entregaram-lhe um monte de bilhetes de visita pedindo-lhe que telefonasse, no dia seguinte, para os senhores X, Y, Z, etc., pois estavam muito interessados em submetê-la a um teste cinematográfico. E quando regressou a Hollywood, levando bem guardadinho na mala de viagem aquele precioso fato de banho que tão boa sorte lhe trouxera, a jovem não cabia em si de contente com o trepidante entusiasmo levantado à sua volta, e ia, ao mesmo tempo, bastante indecisa sobre a qual dos estúdios devia dirigir-se em primeiro lugar. Entretanto, nos periódicos locais, rebentavam as primeiras crónicas explosivas sobre «a fenomenal loira da praia de Miami que não se poupava a sacrifícios para conquistar o cinema», crónicas essas, claro está, ilustradas com as mais estonteantes fotografias. Tal como Jayne inteligentemente previra, os jornalistas não tinham perdido tempo a engendrar saborosas histórias sobre a sua pessoa, daquelas que fazem a delícia dos cinéfilos lá do sítio e de todos os sítios do mundo. Essa publicidade, levantada assim de rompante, ainda mais incendiou o interesse dos produtores de Hollywood, e todos os estúdios aguardavam com justificada expectativa a visita desse tal «fenómeno de cabelos platinados».

Esta linda cabeleira desaparecerá?



Tal revelação correu, há poucos meses, nos periódicos de todo o mundo, e explicava o motivo por que pesava tão terrível ameaça sobre os belos cabelos loiros da famosa actriz. É o caso que Jayne, sabendo perfeitamente que a sua sugestiva e longa cabeleira é um dos pormenores mais deslumbrantes da sua personalidade física perante o público, não se cansa de procurar sempre novas misturas, com as quais torna cada vez mais enfeitiçadora a moldura capilar do seu rosto... «moldura» essa que, na sua origem, é uma vulgar cabeleira castanha. Os experientes cabeleireiros da «estrela» avisaram-na de que, se não deixasse os cabelos voltar à cor natural, arriscava-se muito sèriamente a ficar completamente calva, dentro de poucos anos.

Mas Jayne Mansfield, para quem a sua carreira está acima de tudo, prefere correr o risco, e continuar a pintar o cabelo, pois adivinha que desiludiria os seus admiradores, se lhes aparecesse de repente com uma banal cabeleira castanha.

Jayne vista por Mickey (o marido)



QUANDO às vezes penso, agora, que, algum tempo atrás, eu teria de perguntar a qualquer pessoa: «Quem é Jayne Mansfield?», até me parece inacreditável. Dois anos depois de a ter conhecido e alguns meses após ter-me casado com ela, não é raro eu meditar na transformação que a minha vida sofreu desde que ela apareceu dante dos meus olhos.

Conheci-a em 1956, quando trabalhava num clube nocturno de Nova Iorque, depois de ter conquistado o título de «Mr. Universo». E, desse dia em diante, passámos a ser Jane & Mickey. Nasceu à primeira vista a atracção mútua que nos ligou.

Mas, talvez por me ter apaixonado por uma loira como não há outra, não consigo ver Jayne como a Jayne Mansfield que o cinema celebrizou. É fácil para o público pensar que ela é apenas uma fabulosa e espampanante loira com umas curvas sugestivas e uma estrondosa publicidade. Quando a vêem em filmes como «Uma rapariga com sorte» e «A loira explosiva», são levados a dizer: «Realmente, ela tem um corpo extraordinário. Mas é superficial. É uma bonequinha de cabeça oca, que anda a exibir-se». Ora, eu acho que estão todos muito enganados. E o simples facto de ela ter chegado onde chegou, e tão depressa quanto chegou, é prova suficiente de que Jayne é uma rapariga bastante inteligente. No que diz respeito às suas risadinhas estúpidas e vozinhas esganiçadas, podem crer que se trata de pura comédia, só para a câmara de filmar. Na vida real, Jayne não é assim. Ninguém melhor que eu pode afirmá-lo.



Jayne cumpriu, há pouco tempo, um contrato de oito semanas num «night-club» de Las Vegas, onde se exibia diàriamente num número de certo modo arriscado, em colaboração com o marido: agarrada ao pescoço de Mickey, este fazia-a rodopiar vertiginosamente. O público delirava, e o dono do clube, além de ter segurado a «estrela» numa quantia avultada, pagava-lhe nada menos de 725 contos por semana.



TODAS as semanas, Jayne recebe dez mil cartas dos admiradores. E penso que, como marido duma das mais fascinantes mulheres que aparecem na tela, eu poderia ficar aborrecido com o gigantesco número de cartas que ela recebe. Mas não acontece assim. Não há dúvida de que Jayne desperta o interesse dos homens, mas o extraordinário é que as cartas nunca são ofensivas.

Desde que casámos, temos recebido milhares de cartas dos seus admiradores, afirmando que simpatizam muito «connosco». Ainda há pouco tempo, quando Jayne estava em Espanha a filmar «The Sheriff of Fractured Jaw», eu recebi uma carta duma jovem admiradora, dizendo-me que se sentia muito satisfeita por Jayne se ter casado comigo, e pedindo-me que lhe mandasse uma fotografia minha para ela a colar nas costas duma de Jayne.

O público chamou a Jayne um «símbolo do sexo», e talvez isso seja de certo modo verdade. Mas, enquanto que é a sua esplendorosa figura que a torna notada, é a sua personalidade que mantém fiéis os seus admiradores.

POSSO honestamente afirmar que não tenho a ambição de vir a ser um artista de cinema. Acho que uma «vedeta» de cinema na família é o suficiente. Além disso, eu nasci para os negócios. Mas talvez, pelo conhecimento que tenho do que se passa nos bastidores do cinema, eu possa ser útil a Jayne.

Ela é uma mulher muito astuta e com habilidade para os negócios, e tenciona inaugurar em breve a sua própria companhia produtora. E quando Jayne entrar nessa nova fase da sua vida cinematográfica, estou certo de que poderei ser um bom colaborador dela.



TÊM-ME perguntado muitas vezes o que é que nós fazemos para parecer que vamos sempre a todas as festas e estreias. Ora, o facto é que nós somos, talvez, o casal de Hollywood que menos vai a estreias e a festas, como qualquer dos nossos amigos pode certificar. O que acontece é que, quando vamos — ocupamos sempre as primeiras páginas dos jornais e revistas. E esta é a justa medida do triunfo de Jayne.

Ùltimamente, fui apelidado por algumas pessoas de «Mr. Mansfield», mas não me dei por achado. Isso faz-nos rir, a mim e a Jayne. Os que se entretêm a dizer tal coisa desconhecem que eu tenho o meu trabalho independente, numa crescente indústria de equipamentos de ginástica. Sou tão individual como Jayne. Ambos sabemos isso, e é quanto basta.



«A loira explosiva», com Tony Randall, foi o terceiro grande filme de Jayne. Ùltimamente assinou um contrato de 7 anos com a Fox, recebendo 75.000 dólares por ano. Mas quando faz uma película fora daquela empresa, exige 300.000 dólares.

Finalmente, e porque Jayne votava uma simpatia especial aos estúdios da «Warner Bros», foram estes que tiveram a sorte de a contratar em primeiro lugar. Nem sequer foi preciso nenhum teste. Suficientemente sabidos no seu negócio, os homens da «Warner» acharam que bastava aquela onda de publiicdade levantada em torno da loira de formas impressionantes para que a aquisição da novata fosse dinheiro em caixa.

— Por agora, não precisamos de fazer nenhuma prova — disseram-lhe no luxuoso gabinete onde a receberam. — Aqui tem o contrato e caneta. Se lhe interessa, faça favor de assinar. Vai entrar imediatamente num filme, e depois, seguir-se-ão outros. Quanto às suas qualidades, nós saberemos descobri-las e desenvolvê-las...

Jayne olhava-os, emocionada e confundida. Não obstante ter premeditado todos os seus passos até chegar àquela situação, a verdade era que tudo aquilo, assim de repente, a deixava bastante nervosa. Logo se refez, porém, e, pegando firmemente na caneta, rabiscou a sua assinatura no impresso que lhe estendiam.

E com aquela assinatura, feita um tanto precipitadamente, acabava de lançar a primeira pedra no pedestal da fama, em que muito em breve estaria a brilhar esplendorosamente...

O «BOMBOM» DA BROADWAY...

A primeira película em que interveio foi «Female Jungle». Logo a seguir, apareceu em «Ilegal», cuja «vedeta» era Edward G. Robinson. E, ainda para a «Warner», rodou um terceira fita, «Pete Kelley's Blues». Em qualquer das três produções, os papéis que interpretou foram insignificantes. Foram, por assim dizer, papéis de experiência. Essa fase primária foi, no entanto, de grande utilidade para Jayne, pois os seus «patrões» não se cansavam de lhe dar ensinamentos e de educar as suas faculdades, ao mesmo tempo que o departamento de publicidade do estúdio trabalhava em larga escala no «lançamento» da sua «descoberta». Por seu lado, Jayne continuava, por sua conta, a estudar afincadamente arte dramática, dança e canto, e, também por sua conta, a usar de todos os processos para espalhar a sua publicidade. O seu desejo de se tornar conhecida levou-a, até, a posar para fotos demasiado «audaciosas», o que fez cair sobre si certas censuras desagradáveis. Ela, porém, soube suportar esses revezes. Também a ela não lhe agradava muito isso, mas precisava de vencer, e sabia muito bem que, num mundo como Hollywood, para uma pessoa vencer, só por si mesma, precisa de se destituir de todos os preconceitos, e arrostar corajosamente todos os contratempos. Caso contrário, ficaria a meio do caminho, como tantas outras.

Então, depois de ter actuado nessas três películas da «Warner», e embora se sentisse bastante satisfeita com a maneira como a tratavam naquele estúdio, Jayne, demonstrando mais uma vez a sua argúcia, achou que ainda estava muito no princípio para se deixar enraizar num sítio, e desligou-se daquela empresa para filmar uma produção independente, «The Burglar». Aí teve já um papel de primeiro plano, contracenando com o famoso «cínico» Dan Duryea. A película foi rodada em Filadélfia, e nela Jayne pôde já demonstrar que, às suas formas estonteantes, acrescentava um bom pedaço de talento.

Tinha principiado, entretanto, o ano de 1956, e Jayne, depois de concluir as filmagens de «The Burglar», foi até Nova Iorque para dar uma vista de olhos pelo multicolorido ambiente teatral da Broadway. E aconteceu, então, que a fama do seu nome tinha já chegado aí com toda a força, pelo que a sua presença, longe de ficar incógnita como a de qualquer simples turista, provocou um aceso movimento nos bastidores daquele famoso aglomerado artístico: **«Jayne Mansfield anda pela Broadway?» «Temos entre nós a nova loira perigosa de Hollywood?...» «Ainda não a vi...» «Em que hotel está a Jayne Mansfield?...»** Autores, empresários, artistas, todos queriam conhecer de perto a novata que pusera Hollywood em alvoroço. Quanto aos jornalistas, nem vale a pena falar. Andavam numa roda viva para ver quem chegava primeiro, quem obtinha as mais originais declarações, quem fazia as fotografias mais «sexy»...



Jayne e Mickey encontram-se com um casal amigo numa festa nocturna de Hollywood. A «vedeta» e o marido desmentem-se que sejam boémios, como muita gente julga.



A FAMA estragará JAYNE?

Pela jornalista americana ELISABETH FORREST

CLARO que ninguém o tomou a sério. E muito menos, com certeza, a rapariga que o disse — Jayne Mansfield. Mas quando a «estrela» já mundialmente célebre pelas proeminentes medidas físicas começou a sonhar em público com a possibilidade de desempenhar um «Hamlet» na televisão, todos olharam para ela com um ar um tanto sombrio, com uma expressão que queria mais ou menos dizer «pobre pequena»... Seria certo que ela estivesse realmente a pensar que poderia vir a ser uma artista a sério?...

Somos obrigados, então, a lembrarmo-nos de uma outra loira curvilínea famosa — Marilyn Monroe — que, a certa altura, decidiu representar com «R» grande e foi estudar à pressa numa escola da especialidade, para, logo a seguir, se atrever a contracenar com o respeitável Laurence Olivier numa película que este, mais tarde, parece ter-se arrependido de fazer — «O Príncipe e a Corista». Com essa tática, a estonteante Marilyn pretendeu muito simplesmente fazer desaparecer a Marilyn-beleza em fato de banho para criar a Marilyn-actriz a sério.

Não há dúvida, pois, que os passos de Jayne Mansfield tomam um rumo bastante semelhante àquele a que a Monroe se meteu — sem desprimor, diga-se de passagem... E a prová-lo, está a personagem que interpretou em «Os Náufragos do Auto-carro», que já tinha umas certas pretensões, um tanto ou quanto acima da rapariguinha espampanante com gritinhos nervosos dos filmes anteriores. Depois, em «A Loira Explosiva», novamente a beldade do «busto monumental» quis convencer-nos (e convenceu-nos, até certo ponto) de que era capaz de ser mais qualquer coisa do que mera «pin-up» para ilustrar capas de revistas.

Ora, tudo isto está muito certo, e temos de concordar que tanto direito tem a Marilyn como a Mansfield, como outra loira explosiva qualquer, de acalentar as sua ambições artísticas, e de tentar impor-se aos críticos e aos admiradores como artista de talento. No entanto, achamos que não há necessidade de exagerar — com risco de cair no ridículo — quando se pretende alcançar determinado objectivo — um objectivo que deve ser atingido em doses regulares e muito graduadas. E, francamente, muito francamente... custa-nos bastante a acreditar que possa haver uma Lady Macbeth escondida nas formas demasiado esculturais de Jayne Mansfield.

Enfim, tudo pode acontecer. Nós não somos pessimistas...

E no meio de toda essa agitação, dois cavalheiros apareceram, uma manhã, no hotel onde Jayne estava instalada e, com ares um tanto misteriosos, quase que raptaram a jovem «estrela».

— Quem são os senhores? Que pretendem? — perguntava ela, intrigada.

E tudo se esclareceu. Os dois enigmáticos cavalheiros eram nem mais nem menos que dois nomes dos mais importantes da Broadway: o escritor George Axelrod e o empresário Julie Styne. Iam pôr em cena um grande peça intitulada «Will Success Spoil Rock Hunter», e pretendiam, muito simplesmente, contratá-la para um dos papéis.

Ao escutar aquela inesperada proposta, Jayne considerou, para com os seus botões, que estava a ganhar terreno vertiginosamente no campo do triunfo. E, arguta e rápida de ideias como sempre, pensou instantâneamente que, embora o teatro não fosse exactamente o alvo das suas ambições, a representação daquela peça na Broadway seria particlarmente benéfica para o engrandecimento do seu nome. O que quer dizer que, dez minutos depois, o contrato estava assinado.

A peça foi um estrondoso êxito. E mais estrondosa ainda foi a actuação de Jayne Mansfield nos palcos novaiorquinos. O papel que ela representava em «Will Success Spoil Rock Hunter» era de pequeno interesse artístico. Era, por assim dizer, um personagem de presença, uma loira ultra-sugestiva que pouco tinha que dizer, mas que tinha de magnetizar o público com os seus encantos. E Jayne tão brilhantemente se saiu dessa tarefa, que o célebre «Life Magazine» se apressou a publicar uma capa com a sua fotografia, classificando-a de «A Loira-Muda mais picante da Broadway». A imprensa de Nova Iorque não se cansou de gastar tinta e papel com a perturbante rapariga do busto com mais de um metro, que passou a ser considerada um delicioso «bombom» da Broadway.



É uma rapariga essencialmente esperta e inteligente, e, sem esses predicados, nunca teria chegado ao lugar que atingiu. Orienta a sua carreira com bastante tacto, e deseja vir a ter a sua própria companhia produtora.

Ora, é precisamente neste ponto que um novo homem ganha relevo na vida da explosiva Jayne Mansfield.

Certa noite, depois da representação da peça, Jayne foi divertir-se um pouco, com uns amigos, a um clube nocturno do Bairro Latino. E no «show» desse clube actuava um jovem de físico imponente chamado Mickey Hargitay, que tinha acabado de ganhar, nesse ano, o título de «Mr. Universo», e que fora para a América, vindo da Hungria, em 1947.

Mal entrou no palco para actuar, o olhar do jovem pousou naquela fascinante rapariga de cabelos louros, que estava sentada numa das mesas. E, durante todo o espectáculo, não pôde afastar os olhos dela. Quando regressou ao camarim, nem sabia o que se passava consigo. Tinha a impressão de que, até àquele momento, apenas tinha estado meio vivo. Os outros rapazes do «show» só falavam de que «Jayne Mansfield estava lá»,



Um «caçador» de instantâneos obteve este, bastante curioso, da muito decantada loira, e logo o redactor de uma revista lhe pôs por baixo esta legenda: «Jayne é tão efervescente como champanhe. Por isso, pode despejá-lo à vontade, que não faz falta!». Não há dúvida de que Jayne é das «estrelas» do cinema mundial mais rodeadas de publicidade, a tal ponto que o seu patrão da Fox, Buddy Adler, mandou suspender um programa semanal que Jayne tinha na TV. Segundo a sua opinião, esse contacto demasiado com o público podia enfastiá-lo, e tornar-se contraproducente.

mas a verdade é que ele não sabia quem era Jayne Mansfield, e só pensava na rapariga por quem acabava de se apaixonar.

Meia hora mais tarde, quando Mickey Hargitay se sentou também a uma das mesas para cear com um amigo, aproximou-se deles um homem elegante que os convidou para a sua mesa. «Está lá alguém a que mgostaria de o apresentar», disse para Mickey. E sabem quem era esse «alguém»? Precisamente a única pessoa do mundo a quem ele queria ser apresentado!

O que se passara, muito simplesmente, fora que Jayne também reparara nele, e sentira o mesmo desejo de o conhecer. E, daquele momento em diante, nunca mais se separaram. Foi uma instantânea e recíproca simpatia que muito ràpidamente ganhou o volume do amor.

Esse novo idílio foi, evidentemente, motivo de novas e sugestivas crónicas acerca da loira estonteante, e de muitas dezenas de fotografias, das quais, agora, também tomava parte o corpulento «Mr. Universo». Escusado será dizer que o seu romance de amor com Mickey serviu de nova fonte de excitante publicidade para a bela «estrelinha», e muitos insinuavam, até, que era isso exactamente o que ela procurava na companhia do homem que era considerado, fìsicamente, o mais perfeito do mundo. No entanto, enganavam-se os que pensavam desse modo. A verdade era que ela e Mickey gostavam realmente bastante um do outro, e, além disso, sentiam-se unidos por um forte elo de compreensão, o que, para Jayne, era particularmente importante. Porque, até então, nunca ninguém mostrara aceitar nem compreender as suas aspirações.

O ÚLTIMO PASSO PARA A CELEBRIDADE

O sensacional êxito de Jayne Mansfield na Broadway voltou a atrair a atenção de Hollywood sobre si. Agora, porém, a jovem loira sabia que podia **jogar mais forte**, e só estava disposta a aceitar um papel em que realmente pudesse impor-se definitivamente

Conversa com os «fans»



Por JAYNE MANSFIELD



TENHO o maior prazer em «falar» com vocês, porque sei muito bem que é a vocês que devo tudo quanto sou. E exactamente porque os considero pessoas amigas, com quem devo ser absolutamente sincera, gostarei de dizer-lhes algumas coisas acerca de mim, para que me conheçam melhor.

Por exemplo, calculo que haja quem pense que eu me considero uma grande actriz, dada a fama com que o meu nome corre pelo mundo. Ora, a verdade é que eu penso que tenho ainda muito que aprender, embora o público tenha sido muito gentil para comigo. Sou, sem falsa modéstia, uma recém-chegada ao cinema com muita sorte. Ùltimamente, em Cannes, dispensaram-me um acolhimento de verdadeira apoteose, que me emocionou profundamente, tanto mais que não creio ser ainda merecedora de tantas manifestações de entusiasmo.

Também a maioria das pessoas acham que eu abuso das fotos de «pin-up», dos vestidos decotados e das poses a que chamam «escandalosas», o que as leva a ter de mim uma ideia errada. Porque eu sou também contrária a tudo isso. Mas não se esqueçam de que, no início ainda recente, da minha carreira, eu estava absolutamente sòzinha e precisava de vencer num mundo tão ingrato como é o do cinema. E, nestas condições, uma rapariga tem de se prestar, embora contra sua vontade, àquilo a que os cineastas mais ràpidamente prestam atenção: à exibição dos predicados físicos. A prova de que sempre desejei dar um rumo elevado à minha carreira, está no facto de, desde o princípio, ter começado a estudar arte dramática por minha própria conta, e nem calculam com quantas dificuldades... A minha opinião é de que o físico de uma mulher nada significa. É uma espécie de cosmético — uma coisa superficial. O atractivo deve vir do interior. É necessário, portanto, ter atractivo e personalidade interiores. E é a isso exactamente que eu dou importância. Se o público teima em ver-me sob outro aspecto, a culpa não é minha.

Sabem qual é a coisa que, na minha carreira, me causa maior satisfação? Receber cartas de admiradores a dizerem que me estimam. A estima dos outros, tal como o amor, contam muito na minha vida. E é precisamente essa dedicação de todos vocês que constitui o maior incitamento para continuar a fazer sempre o melhor possível. Obrigada, pois, a todos!

como estrela» cinematográfica de grande plano.

Foi Buddy Adler, produtor executivo da 20th Century Fox, quem conseguiu, ao cabo de porfiadas conversações, fazer regressar Jayne à capital do cinema, onde interpretou imediatamente a protagonista de «Uma rapariga com sorte», ao lado do cómico Tom Ewell. E conseguiu um triunfo tão absoluto, que, a partir de então, não voltou a ter preocupações quanto à sua carreira. Agora estava, finalmente, nos píncaros da celebridade!

Filmou, a seguir, as películas «Os Náufragos do Autocarro», «A loira explosiva» e «Quatro dias de loucura», todas rodadas durante o ano de 1957, e que constituíram outros três êxitos.

E, ao mesmo tempo que o nome de Jayne Mansfield brilhava cada vez com mais esplendor no mundo cinematográfico, o seu romance com Mickey Hargity caminhava a passos largos para o casamento, que veio finalmente a realizar-se em 13 de Janeiro de 1958.

Jayne sente-se, desta vez, plenamente satisfeita com o seu matrimónio. Mickey é um dedicado e amoroso marido, e, ao contrário do que acontecera no primeiro casamento da jovem, acarinha a carreira artística da mulher e respeita o seu desejo de se «completar», de tornar cada vez mais prestigioso o seu nome. Por outro lado, é extremamente afectuoso para com a pequena Jayne Marie, que vai agora nos oito anos.

Poderemos dizer que Jayne Mansfield já não tem mais nada para desejar? De maneira nenhuma. Porque, para uma pessoa como Jayne, há sempre mais uma etapa a atingir, em qualquer carreira artística. E, além disso, ela tem outras ambições muito particulares: deseja ter cinco filhos à sua volta, numa casa muito grande e cheia de sol... A casa, já a comprou recentemente, uma linda e enorme vivenda nos arredores de Hollywood. Quanto às crianças... ainda faltam quatro.

Jayne esteve recentemente em Espanha a filmar «The Sheriff of Fractured Jaw», ao lado do actor inglês Kenneth More. Segundo afirmam, é um papel absolutamente diferente, em que se revelará uma nova Jayne.

E novamente em Hollywood, a estonteante loira do busto espantoso, espraia o olhar, encantada, pelo seu reino dourado da Fama...

FIM



Os admiradores de JAYNE MANSFIELD podem escrever-lhe para

**20th CENTURY FOX FILMS
10201, West Pico Blvd.
Los Angeles, 35
Califórnia — U.S.A.**







N. 35

PREÇO 2$00